

# CULTURA, TRADIÇÃO E IDENTIDADE EM COMUNIDADE RIBEIRINHA DO SÃO FRANCISCO

Leila Maria Prates Teixeira<sup>1</sup>

## Resumo

Pretende-se apresentar o papel das representações culturais enquanto contribuinte no processo de constituição identitária da comunidade remanescente quilombola de Tomé Nunes/BA. Para atingir este objetivo optou-se pela abordagem qualitativa, a partir da utilização dos procedimentos da fonte oral e análise bibliográfica. No que concerne às questões culturais e à lógica do autorreconhecimento como comunidade quilombola, identificou-se influências externas (agentes de Pastoral, políticos locais) na compreensão dos moradores dessa antiga comunidade do Médio São Francisco. Ainda foi possível reconhecer que esta possui representações culturais diferenciadas, tais como: o sincretismo religioso, festejos populares e danças; considerando-se inclusive que estas características compõem parte importante da individualidade deste agrupamento ribeirinho quilombola.

**Palavras-chaves:** Cultura, Religiosidade, Identidade

## Introdução

Na região conhecida como Médio São Francisco, especificamente no município de Malhada/BA à margem direita do Rio São Francisco encontra-se a comunidade negra rural de Tomé Nunes. Reconhecida como remanescente quilombola pela Fundação Cultural Palmares, após o envio, pela comunidade, a este órgão de solicitação para obtenção deste título, o que possibilitaria usufruir os direitos referentes a este acontecimento.

Durante os contatos e conversas com esses moradores, fica evidenciado que as práticas culturais por eles desenvolvidas representaram suma importância para que o reconhecimento fosse obtido. Nesse sentido, dona Joanita diz que

[...] lavramo uma ata falando no qual como era a comunidade, o quê que tinha na comunidade, a cultura, né? E aí mandemos pra Fundação Palmares. **Ele documentou e mandou** e aí veio a Certidão, o endereço a gente mandou pra vir pelo sindicato dos trabalhadores rurais<sup>2</sup>.

Aprofundando o diálogo sobre a temática tem-se em Sodré (2005, p.8)<sup>3</sup> que cultura é um termo livre e dessa maneira “passa a demarcar fronteiras, a estabelecer categorias de

pensamento, a justificar as mais diversas ações e atitudes”. Complementando que por esta característica instável de significá-la a cultura diversas vezes torna-se instrumento de poder nos regimes políticos modernos.

Tomé Nunes possui representações culturais diferenciadas como a casa de orações, a folia de reis e outras festas e danças comuns entre seus moradores que são fortemente marcadas pelo sincretismo, considerando-se inclusive que estas características compõem parte importante da individualidade deste agrupamento ribeirinho negro quilombola

Assim, elaborar e desenvolver vínculos simbólicos de herança africana (como vínculos de origem) mostra-se importantes para o processo de reconhecimento quilombola. Nada mais legítimo, mas que deve ser analisado criticamente. Portanto, este texto tem como mérito analisar as raízes culturais da região, com a possibilidade de problematizar a vida cotidiana do lugar muito arraigada a certa prevalência feminina, não se deixando levar pelas lentes do movimento social, da Igreja, apenas examinando-o à luz do senso comum e sim, utilizando uma análise científica.

### **Manifestações religiosas como expressão cultural**

Buscando especificar a análise nas representações religiosas, enquanto manifestações da cultura da comunidade, Giddens (2005) aponta que nos mais diversos períodos históricos e comunidades, a religiosidade figurou centralmente, interferindo na maneira de perceber o mundo e de reagir aos seus acontecimentos. Sendo assim, compreende-se a relevância em se estudar as práticas religiosas, associadas as atividades culturais (cultos, danças, festejos) observando sua interferência no cotidiano do homem.

Tratando da comunidade de Tomé Nunes, observou-se que algumas manifestações culturais, de cunho religioso, praticadas pelos seus membros não vinham a público. Como por exemplo “O Terreiro” (casa de orações), local onde as representações religiosas se misturam, contendo imagens de santos católicos e entidades do Candomblé, que segundo os agentes da Comissão Pastoral da Terra (CPT) permaneceu pouco divulgado.

Possivelmente esse fato ocorreu devido sua caracterização sincrética. Neste sentido, Funes (2005)<sup>4</sup> alerta que a presença do catolicismo nesse tipo de comunidade (de base organizacional africana) justifica-se no fato que esta seria a prática religiosa permitida. Mesmo reconhecendo que ações como benzeduras, curandeirismo, xamanismo, puçanga (feitiço) e encomendação leiga das almas não deixaram de integrar o universo religioso, reconhecidamente de caráter sincrético.

Ainda tratando do sincretismo, Bosi (1992)<sup>5</sup> afirma que não existiria uma cultura brasileira homogênea, senão, práticas plurais resultantes da multiplicidade de associações e conflitos estabelecidos nos tempos e espaços.

Assim, apesar da importante presença do catolicismo no Brasil são reconhecidas as presenças culturais religiosas ancestralmente africanas, com adaptação de seus ritmos pelos condicionantes da presença negra no país, o que acabou frutificando em profusa diversidade

de cultos, com característica enriquecida e diversa. Desse modo pode-se afirmar que as religiões afro-brasileiras apresentam traços oriundos das práticas africanas, européias e brasileiras, dessa maneira diferentes de suas matrizes geradoras. Ferretti (1999, p.4)<sup>6</sup> diz que

[...] o sincretismo nas religiões afro-brasileiras não representa assim um disfarce de entidades africanas em santos católicos, mas uma ‘reinvenção de significados’ e uma ‘circularidade de culturas’. Trata-se de uma estratégia de transculturação refletindo a sabedoria que os fundadores trouxeram da África e, eles e seus descendentes, ampliaram no Brasil.

O que se nota é que o sincretismo tornou-se um elemento essencial para as representações religiosas, sendo mais significativamente apresentada na religiosidade popular. Ferretti (1999) ainda comenta que mesmo que alguns não admitam, de maneira geral as religiões são sincréticas, por resultarem de sínteses integradas de elementos de várias procedências.

Nos contatos estabelecidos foi percebido que atualmente a comunidade apresenta-se mais a vontade em falar sobre as suas manifestações originárias de matrizes africanas. Comenta-se inclusive o reconhecimento dos moradores do trabalho da CPT como relevante nesse processo de modificação da postura reservada ou envergonhada ao mencionarem as tradições religiosas da comunidade, a exemplo do “Terreiro”, para um comportamento compreensivo e reconhecimento de seu valor enquanto constituinte característico da comunidade.

Foi relatado que inicialmente os indivíduos não aceitavam “estas rezas”, utilizando-se até mesmo do subterfúgio da ameaça de “contar ao padre da cidade de Malhada” (responsável vez ou outra de conduzir a missa na capelinha de Tomé Nunes). Como apresentado no relato de dona Francina Nogueira, membro da CPT, relata que

[...] um bêbado um dia me acompanhou e falava: “eu tenho um segredo pra te contar, eu tenho um segredo pra te contar”. Eu ia em um lugar e ele ia atrás: “eu tenho um segredo pra te contar”(…) Aí eu mandei ele falar e aí ele disse assim: “ Ah é porque o padre tá reclamando porque tia Maria tem um Centro aqui e o padre não gosta do Centro e eu tô com raiva do padre”. Aí eu perguntava o pessoal e eles diziam que não, não, o padre não falou nada. Aí eu perguntei a mãe de Fadinha, uma mulher que é mais a favor do padre, aí ela falou: “mas o padre tem razão, porque ele falou, ele tá certo”. Aí nós começamos a falar desse assunto nas reuniões. Que isso é cultura! Aí convidei o professor Nivaldo, foi aí que eles retomaram. Dona Maria hoje fala pra gente, conta as coisas que acontece no Centro. Não sei se você se lembra, naquele dia que a gente tava lá ela falou que foi Nivaldo que ajudou o povo a reconhecer.<sup>7</sup>

Neste sentido Rodrigues *et al* (2010)<sup>8</sup> diz que a religião influenciaria a maneira do indivíduo perceber o mundo, fatalmente passando a interferir nas relações do indivíduo com os seus semelhantes. Como pôde ser notado nas falas, possivelmente haviam práticas religiosas diferentes dentro do grupo, o que motivou alguns integrantes a sentirem-se no direito de julgar a permissividade ou não de algumas, com o reforço na ignorância de outros, o que gerou um certo conflito interno.

Sendo comportamento amenizado após a CPT organizar um encontro com um professor Nivaldo Dutra, docente da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus VI, localizado em Caetité<sup>9</sup>, que proferiu palestra esclarecedora sobre as bases culturais e tradições dos negros de África e a escravidão brasileira.

É possível perceber que a partir do contato com a CPT e outros agentes externos os indivíduos de Tomé Nunes passaram a perceber a importância das práticas culturais para o reconhecimento “quilombola”. Reforçando esse entendimento dona Gessina Santos Lima, ex presidenta da Associação de Moradores, diz que o interesse do “pessoal da Pastoral” focava-se nas práticas culturais para a concretização do reconhecimento, como dito a seguir:

[...] eu lembro assim, nessa época chegou o padre lá de Carinhanha, era o padre Vanderley, ele já faleceu. Ele chegou falando aqui na comunidade tinha esse negócio pra reconhecer, porque a assinatura era tudo igual, a assinatura. Chegou o ponto de todos saí nas casas perguntando o nome, o sobrenome e foi aí que eles descobriu que nós era uma raça só e foi através da cultura que nós era quilombola por isso. (...) Vários tipos de cultura como o reisado, o boi girá, dança de roda, muitas coisas, muitas culturas, até hoje ainda tem aquele negocio do pilão e tudo isso foi que o povo usava naquele tempo e a gente continuou sustentando, faz de conta que eles plantaram, cresceu e aí veio os frutos, que no caso tamo sendo nós e eles a raiz, esse povo antigo que muitos já morreram<sup>10</sup>.

Sodré (2005, p.12) aborda a cultura em suas interfaces:

a delimitação da estrutura cultural, ou seja, a demonstração da irredutibilidade ou da especificidade dessa prática vai implicar estabelecer as condições de admissão de um fenômeno como elemento de cultura. Em outras palavras, trata-se de determinar o que pode ser considerado fato cultural e, ao mesmo tempo, de situar os fatos admissíveis em suas posições contraditórias dentro e fora do campo demarcado pela estrutura.

A prática da casa de oração, não era reconhecida por alguns membros da comunidade como uma herança cultural, houve a necessidade de que pessoas de fora da comunidade mostrassem para eles esse caminho.

### **Festejos populares como representação religiosa e cultural**

Além do “Terreiro”, outras manifestações que indicariam a “identidade cultural” quilombola em Tomé Nunes seriam seus festejos populares. O “Seu” João Pereira dos Santos, em entrevista, disse-nos que as festas em Tomé Nunes eram bastante frequentes: “muita festa? Tinha... igual, quase igual hoje. Chegou no tempo daquela festa não deixa de não ter”<sup>11</sup>

Ainda sobre a temática cabe ressaltar a recorrência dos convites à comunidade para realizarem apresentações nas festas ou comemorações regionais, em Malhada/BA e demais cidades circunvizinhas. É sabido também que este interesse “externo” pelas manifestações culturais de Tomé Nunes passou a fortalecer-se após seu reconhecimento oficial enquanto povoado “quilombola”, gerando estímulos à manutenção e/ou fortalecimento de manifestações culturais tradicionais deste grupo. Assim, até algumas danças, quase esquecidas, voltaram a ser dançadas por alguns moradores, como é o caso da dança do “boi girá”, como podemos confirmar no depoimento a seguir.

O boi girá é uma dança. Essa dança aí, aliás, que a gente deixou não brinca mais, mas teve uma reunião aqui debaixo desse pau aí e as mulher dançou, e aí gravaram e fizeram um DVD<sup>12</sup>

As práticas culturais têm sido uma aliada no processo de reconhecimento e posse da terra por essas comunidades negras. Dutra (2007, p. 38)<sup>13</sup> destaca este aspecto em seus estudos sobre as comunidades negras do “Rio das Rãs” e da “Brasileira”:

[...] os festejos religiosos e as rodas de samba que acontecem depois das novenas são marcos culturais da comunidade e podem ser vistos como formas de resistência que colaboraram para o processo de identidade dos moradores das comunidades da Brasileira e do Rio das Rãs.

No que concerne às práticas culturais da comunidade do estudo, evidencia-se uma forte presença da participação das mulheres, relativamente superior a dos homens nos encontros festivos, mas estes também contribuem para que as festas aconteçam. Dona Maria nos diz que seu filho José Carlos é quem “bate a caixa”: “Zé Carlos é da caixa, bate a caixa, cumpadre Geraldo bate o tambor, o bumba, João alí de Raimundo que mora perto de Sônia, bate o rec, é pra cantar é só eu e Joanita”<sup>14</sup>.

Importa notar o quanto o papel desempenhado por mulheres e homens é significativo para a presentificação de vínculos culturais de matriz africana na comunidade de Tomé Nunes; vínculos estes fundamentais para a melhoria da autoestima dos moradores locais e imprescindíveis para assegurar-lhes a posse da terra.

### **Mulheres: tradição, herança e identidade**

Muitos estudiosos de mulheres negras afirmam que elas sempre foram as grandes responsáveis pela manutenção das práticas culturais entre seus descendentes. Paixão e Gomes (2008, p. 951)<sup>15</sup> falam sobre este aspecto:

[...] a função das mulheres no interior das senzalas podia representar a reconstrução e a recriação permanente de aspectos culturais originais e, portanto, a edificação de sólidas comunidades. Uma das características fundamentais das culturas escravas em toda a América foi, sem dúvida, a manutenção da família nos seus variados sentidos. Sendo a espinha dorsal na constituição do parentesco, a mulher tinha o papel-chave na transmissão oral das crenças e dos valores de uma comunidade negra em gestação.

Em Tomé Nunes, dona Maria Dias da Conceição do Rosário, de 72 anos de idade, pode ser considerada a matriarca da comunidade. Respeitada por todos, ela é a principal responsável pelas práticas culturais terem ultrapassado as barreiras do tempo na localidade. Com lembranças vivas, suas conversas duram horas, contando histórias de vida de seus antepassados e do que já presenciou. A memória do vivido por ela parece nítida, assim como parece lembrar com detalhes do que viveu e também do que herdou. Diz que gosta de lembrar, que faz bem para ela. Bem sabemos da função terapêutica da memória, conforme atesta Teresinha Bernardo (2003, p. 33)<sup>16</sup>:

[...] a tradição oral explicaria o fato de a memória das mulheres negras ser cristalina, detalhista, tanto dos fatos passados, quanto dos mais recentes; e mesmo as situações vividas pelo “outro” são narradas como se tivessem a participação do narrador. Em outras palavras, a herança africana da oralidade instigaria o desenvolvimento da memória que, por sua vez, desenvolve-se de forma a produzir novas aptidões, que serão exploradas pela cultura.

Certamente, a manutenção de tradições dos mais velhos colabora para que a memória seja valorizada na comunidade. É notória a importância conferida às práticas dos antepassados, principalmente porque os vínculos de matriz africana são elementares para a autoestima dos moradores locais e - não se pode esquecer - representam hoje mais um

valeroso elemento na luta pela conquista da terra. Dona Gessina Santos Lima, ex-presidenta da Associação, diz que “o povo usava naquele tempo e a gente continuou sustentando, faz de conta que eles plantaram, cresceu e aí veio os fruto, que no caso tamo sendo nós.”<sup>17</sup>

Hoje, os moradores locais admitem que a manutenção das práticas dos mais velhos foi importante para que acontecesse o reconhecimento da comunidade como quilombola. Segundo dona Gessina Santos Lima, e muitos outros moradores, os vários tipos de cultura também ajudaram para a “descoberta” da identidade quilombola.

Dentre as manifestações culturais citadas nos depoimentos de moradores, está a comemoração da festa dos Santos Reis. Mendes (2007)<sup>18</sup> aponta que esta tem sua origem na Europa, tendo sido re-significada a partir de sua introdução durante a colonização brasileira pelos portugueses.

Quanto as suas características fundamentais Cascudo (1972)<sup>19</sup> diz que esta folia é constituída de grupo em deslocamento pedindo esmolas para financiamento de festa, sempre com o cortejo portando bandeira do personagem homenageado e entoando cânticos de saudação, peditório e agradecimento. Ainda acrescenta que estas folias estão presentes em diversas regiões brasileiras, sendo a mais comum a de santos reis. Nesse sentido, Mendes (2007) comenta que as folias de reis modificam-se ou adaptam-se segundo a região ou comunidade, adquirindo contornos próprios, tornado cada Companhia única. Neste sentido, pode-se considerar que esta é uma manifestação representativa da identidade local.

Em suas entrevistas dona Maria Dias da Conceição do Rosário diz que foi a pioneira na “folia do Reis”.<sup>20</sup> É o que se verifica no depoimento a seguir:

[...] ó no meu tempo eu era menina, nós saía pra brincar assim isso aqui era tudo limpo, tudo, tudo, tudo, tudo. Aí nós ia cantar roda, nós ia pular boi girá, nós ia, nós inventava Reis, não tinha tempo marcado, não tinha dia marcado da semana, qualquer dia pra nós era dia, só queria ficar assim nas casa batendo caixa, agora ó a caixa: um prato que nós batia, tum, tum, nesse prato. Aí nós era na base de 8 ou 9, aí nós começava brincar e falava: ‘bora cantar Reis?’ ‘bora!’ Aí nós saía com esse prato tan, tan, tan, cantando tudo errado, toada de Reis nós num tinha, nem nada e nós na roda mesmo nós fingia que era Reis<sup>21</sup>

Dona Maria conta também que sua mãe e seu pai não gostavam que ela ficasse “de porta em porta” cantando “Reis”, mas que depois sua família acabou aceitando, visto que nada mais “podia fazer” para mudar a situação.

Finada Antônia, ela morava bem ali assim nesse peção de Juazeiro, que era pequenininho, ficava de junto da casa dela. Aí finada Antônia chamou nós e falou: “Oia ocês tem boa vontade eu vou ajudar ocês. Cantar Reis num é assim não, eu vou ensinar” Eu tinha 7 anos!<sup>22</sup>



A mesma dona Maria também confirma que, com o passar dos anos, até a sua mãe passou a cantar Reis com ela e a lhe ensinar as novas “toadas”<sup>23</sup>, e que hoje em dia todo o 1º de Janeiro eles iniciam a jornada festiva de “porta em porta”.

Nesse sentido Pereira (2007)<sup>24</sup> comenta que a Folia de Reis revela a população como sujeitos que interpretam, criam e recriam a sua cultura. Ainda comenta que apesar de momento histórico atual basear-se na erudição (excludente) esta celebração possibilita a participação popular na prática religiosa, que assumem o posicionamento central em importante história do cristianismo.

## Considerações Finais

A partir dos relatos e estudo bibliográfico fica aparente que as representações culturais e religiosas da comunidade de Tomé Nunes apresentam características singulares. Assim, pode-se apontar que estas são questões que representariam importante papel identitário desta comunidade no seu processo de autorreconhecimento enquanto remanescente de quilombo.

## Notas

---

<sup>1</sup> Leila Maria Prates Teixeira; Professora do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB; Mestre em História Regional e Local – PPGHIS/UNEB; Pesquisadora GEPEECS; e-mail: lmpbrates@hotmail.com

<sup>2</sup> Dona Joanita Dias de Brito, atual presidenta da Associação de Moradores locais. Entrevista realizada no dia 16 de maio de 2008, em Tomé Nunes. Grifos nossos.

<sup>3</sup> SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida* - Por um conceito de cultura no Brasil. 3 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2005, 165 p.

<sup>4</sup> FUNES, Eurípedes. “Nasci nas matas, nunca tive senhor”, história e memória dos mocambos do baixo Amazonas. In: REIS, João José Reis & GOMES, Flávio dos Santos (Orgs.). *Liberdade por um fio*, história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2005, 139-163.

<sup>5</sup> BOSI, Ecléa. Cultura e Desenraizamento. In: BOSI, Alfredo. *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 2ª ed., 1992, 16-41.

<sup>6</sup> FERRETTI, S. F. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. In: Carlos CAROSO; Jeferson BACELAR. (Org.). *Faces da Tradição Afro-Brasileira*. Rio de Janeiro: PALLAS, 1999, v. 1, p. 113-130.

<sup>7</sup> Francina Nogueira faz parte da CPT / Diocese de Caetité/BA. A mesma tem muita aproximação com os moradores de Tomé Nunes. Entrevista realizada no dia 23 de novembro de 2008, na cidade de Iuiú/BA.

<sup>8</sup> RODRIGUES, Deyvis N. et al. Associação entre prática religiosa e de atividade física em universitários guanambienses. *Anais do IV congresso internacional de ciências da religião*. PUC. Goiás: 2010, ISSN 2177 – 3963, p. 24-28.

<sup>9</sup> A cerca de 140 km da comunidade.

<sup>10</sup> Entrevista realizada no dia 16 de maio de 2008, em Tomé Nunes.

<sup>11</sup> Entrevista realizada no dia 17 de outubro de 2008, em Tomé Nunes. Na época da entrevista era o morador mais velho da comunidade. O “seu” João faleceu em agosto de 2010.

<sup>12</sup> Dona Maria Dias da Conceição do Rosário. Entrevista realizada no dia 16 de maio de 2008, em Tomé Nunes.

<sup>13</sup> DUTRA, Nivaldo Osvaldo. *Liberdade é reconhecer que estamos no que é nosso: comunidades negras do Rio das Rãs e da Brasileira – BA (1982-2004)*. *Dissertação* (Mestrado em História), Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007, 178 p.

<sup>14</sup> Dona Maria Dias da Conceição do Rosário. Entrevista realizada no dia 16 de maio de 2008, em Tomé Nunes.



- 
- <sup>15</sup> PAIXÃO, Marcelo & GOMES, Flávio. Histórias das diferenças e das desigualdades revisitadas: notas sobre gênero, escravidão, raça e pós-emancipação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v.16, n.3, 2008, p. 949-964.
- <sup>16</sup> BERNARDO, Teresinha. *Negras, mulheres e mães: lembranças de Olga de Alaketu*. São Paulo/Rio de Janeiro: Educ, 2003, 194 p.
- <sup>17</sup> Entrevista realizada no dia 16 de maio de 2008, em Tomé Nunes.
- <sup>18</sup> MENDES, Luciana A. de S. As Folias de Reis em Três Lagoas: a circularidade cultural na religiosidade popular. *Dissertação* (mestrado em história). Dourados, MS. UFGD, 2007, 143 p.
- <sup>19</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro. Ed. Tecnoprint S.A., 1972, 660 p.
- <sup>20</sup> Folia é como é chamado pela própria moradora, quando esta se refere à Festa de Santo Reis.
- <sup>21</sup> Dona Maria Dias da Conceição do Rosário. Entrevista realizada no dia 18 de abril de 2008, em Tomé Nunes.
- <sup>22</sup> Dona Maria Dias da Conceição do Rosário. Entrevista realizada no dia 18 de abril de 2008, em Tomé Nunes.
- <sup>23</sup> Conforme do dicionário da Língua Portuguesa Michaelis, toada é uma cantiga que reflete as peculiaridades regionais de nosso país: ora melodia simples, ora chorosa e triste.
- <sup>24</sup> PEREIRA, Ivone A. Sacerdotes das Ruas e Estradas: um estudo de caso da Folia de Reis de Santo Antônio de Goiás. In: LEMOS, Carolina T. (org.). *Religiosidade Popular*. (Coleção Religião e Cotidiano; v.3) Goiânia/GO: Descubra, 2007, p 101-104.